

Veze e voz às crianças!



Valentina Duarte Borges, 8 anos.

EDITORIAL

PARA EVITAR O CADAFALSO

Por Adriana Pastorello Buim Arena

A vida cotidiana nos entorpece com os atropelos diários impostos pela *Era Midiática Digital* em que vivemos, em que tudo foi programado para ser muito rápido, para não dar tempo de analisarmos criticamente as informações que nos chegam. Todos precisam estar muito bem-informados para não serem considerados ultrapassados, como seres fora da era tecnológica, e, por isso, ficamos grudados nas telas dos celulares.

Cada qual dentro de sua bolha lê, escuta e vê as mais diversas formas de agir e de ver o mundo, mas nem todos tomam a atitude de se desviarem dos caminhos impostos pela mídia digital, como uma forma de se encontrarem com a criticidade. É preciso escolher um caminho, um atalho, um desvio diferente daquele pelo qual a massa cega caminha.

Para afastar a ausência da reflexão crítica, precisamos de professores e de professoras atentos. A tecnologia sem pátria pode, com um discurso agressivo, esconder a verdadeira intenção de impor uma nova ordem mundial de dominação idealizada por valores de extrema-direita. Metodologias assépticas, estéreis e excludentes, com a ausência de princípios que possam florescer nos alunos a consciência de classe, de grupo, de cooperação, são frequentemente impostas por políticas educacionais, que oprimem o professor.

Os métodos e as técnicas assépticas apartados da vida social amarram as mãos e a mente dos docentes. É imperativo romper

essas correntes, esses cadeados virtuais. O/A professor/a não consegue, com slides prontos, com apostilas e aulas preparadas por empresas que se vendem como especialistas em alfabetização, ensinar os seus alunos a perguntar sobre a vida, a ler e a escrever por enunciados de suas próprias vivências.

Neste boletim, vocês poderão encontrar ferramentas que ajudam a cortar os cadeados e as correntes dos métodos estéreis. Na seção *De professor para professor*, Suely Amaral Mello apresenta uma reflexão intitulada *O ensino do ler e escrever não se resolve com uma técnica, mas com um modo de praticar a educação escolar*. O modo de ensinar as crianças, por ela proposto, exige, da professora, mais tempo do que o dedicado a ler informações ou propostas de fichas tarefas que circulam no WhatsApp, no Instagram ou no Pinterest, mas eu tenho a certeza de que é um alicate afiado, preparado para cortar grilhões. Outra ferramenta, criada pela professora Marilei Aparecida Machado Klein, de Capinzal, SC, está descrita no texto *Vivências na infância: aprendendo com os Dinossauros*. Isso tudo traz um sentimento de liberdade, de perceber a vida na prática da sala de aula, de crianças aprendendo como se escreve determinado gênero por meio de seus próprios enunciados, como e onde são procurados os textos para ler e solucionar dúvidas e construir nosso parque de dinossauros! Cortar grilhões é preciso!

DE PROFESSOR PARA PROFESSOR

O ENSINO DO LER E ESCREVER NÃO SE RESOLVE COM UMA TÉCNICA, MAS COM UM MODO DE PRATICAR A EDUCAÇÃO ESCOLAR

Por *Suely Amaral Mello*

Compreender o que se lê e expressar por escrito o que se pensa, sente ou sabe são necessidades urgentes neste nosso tempo. E não porque assim nos credenciamos para o mercado de trabalho cada vez mais seletivo. Mas porque ler e escrever nos permitem participar do processo civilizatório: compreender a história, a política, a ciência, a literatura, nos credencia a ocupar um lugar no mundo como cidadão participante, constituir certa autonomia na escolha de nossos caminhos. Em outras palavras, nos permite ampliar o exercício de nossa humanidade. Ensinar a ler e a escrever nesta perspectiva é, por isso, um compromisso de cada um de nós professores e professoras. Como podemos fazer isso?

Este é um desafio que envolve conhecer como as crianças aprendem, compreender esse instrumento cultural que é a língua escrita, entender um pouco da complexidade do funcionamento do cérebro, pois, afinal, é ele que lê, compreende e organiza a nossa expressão.

Estamos aprendendo a ensinar a ler e escrever nesta perspectiva humanizadora. As bases que fundamentavam os processos de apresentação da língua escrita até algumas décadas atrás eram frágeis do ponto de vista da pesquisa. Tratava-se muito mais de uma tradição com base no senso comum – sempre foi assim –, do que um trabalho de investigação das formas de apresentar a escrita para as crianças. A dificuldade no aprendizado da técnica da escrita sem expressão e da leitura sem compreensão era normalizada sob a ideia de que nem todas as crianças estavam preparadas, algumas pertenciam a uma classe social que não favorecia a aprendizagem ou simplesmente não tinham vontade de aprender. A escola, historicamente, sempre saiu da mira da avaliação. Nessa mira, estavam sempre as crianças e suas famílias, nunca a escola e seus métodos de trabalho. Com as pesquisas que começaram a acontecer especialmente a partir dos anos 1980, devido à expansão dos cursos de pós-graduação em educação no Brasil, iniciamos um processo de mudança de nossas concepções.

Começamos a estudar autores que nos ajudavam

a desconfiar dessas explicações acerca da produção do analfabetismo na escola - promovido e sustentado pela escola. Ao mesmo tempo, esses autores davam suporte para experimentos formativos que foram consolidando uma nova compreensão a respeito de como as crianças aprendem, foram consolidando diretrizes para a apresentação da língua escrita com vistas à formação de crianças quem leem compreendendo e se expressam por meio de textos.

As pesquisas em relação ao cérebro foram mostrando que ele é modelado por nossas experiências. Assim, se aprendemos a relacionar som e letra – como faz a perspectiva tradicional –, nosso cérebro aprende a estabelecer essa relação e se torna hábil em oralizar. No entanto, a língua escrita registra e comunica enunciados, isto é ideias, informações, sentimentos e não sons. Em outras palavras, precisamos ensinar nosso cérebro a buscar ideias - e não sons - nos textos. Não letras, sílabas ou palavras, mas ideias. E a maneira de ensinar o cérebro a fazer isso é promovendo a convivência das crianças/alunos com a escrita como um instrumento cultural autêntico, ou seja, lendo um texto para buscar informações, escrevendo para registrar vivências, informações, sentimentos.

Essas novas compreensões, aliadas às pesquisas que buscam modos para formar leitores e autores de seus textos, vão apontando não apenas novas formas de trabalhar com a cultura escrita, vão também apontando para a constituição de uma nova cultura escolar.

A seção “Eu faço assim” deste número do Boletim trata dessa forma de conceber e trabalhar a escrita com as crianças nessa perspectiva humanizadora, que envolve uma nova forma de organizar a vida na escola: uma nova cultura escolar em que a escrita não é uma técnica, é uma forma de aprender e de comunicar aquilo que se aprende, uma forma de trabalhar com a língua viva.

Para isso, é preciso pular os muros da escola, se não concretamente por meio de aulas passeio e visitas a espaços de interesse no território, ao menos

metaforicamente, superando as formas monótonas que a escola adota quando centrada exclusivamente nas decisões de adultos que trabalham seguindo um livro didático ou - pior ainda – um material apostilado.

Ao pular os muros da escola, avança-se para além do livro didático, buscando outras fontes de informações, diversificando os gêneros textuais e incorporando as mídias que podem contribuir para o acesso ao conhecimento; ampliam-se os temas e conteúdos propostos para o trabalho com a turma, superando as abordagens empobrecedoras que preconcebem as crianças como incapazes de pensar, de decidir, de propor, de realizar. Concebendo crianças e alunos como capazes, cultiva-se uma atitude de escuta e de acolhimento dos interesses e necessidades de aprender das crianças que, como afirma Staccioli (2013), deve ser o método do trabalho docente. Esta atitude docente é condição para envolver crianças e alunos como sujeitos ativos no processo de aprender. Da mesma forma, superando preconceitos contra a capacidade de crianças/alunos aprenderem na relação com as formas mais elaboradas da cultura, insere-se a experiência das crianças no universo da cultura mais elaborada (Vygotsky, 2021). Essa convivência das crianças com as formas mais elaboradas da cultura é uma particularidade dos humanos: os bebês apenas balbuciam e já ouvem a fala dos adultos em sua forma mais elaborada, e esta interfere e orienta o desenvolvimento da linguagem infantil. Isso se dá em todas as áreas do desenvolvimento e, por essa razão, não sonegar às crianças a convivência com o conhecimento é atitude essencial na promoção de uma educação humanizadora.

Adotar os projetos como metodologia do trabalho docente é uma forma de pular os muros da escola que, por séculos, têm se mantido fechados. Stefan Zweig (1942) descreve a escola que viveu na Áustria do final do século 19, e, com tristeza, constatamos que aquela escola corresponde ainda hoje à escola ideal de muitos professores – crianças silenciosas e imóveis, obedientes e amedrontadas.

Para muitos professores, a impossibilidade de manter uma disciplina rígida é o problema da escola atual. Outros, como a autora do “Eu faço assim” desta edição, já perceberam que a autodisciplina se constitui na escola quando as crianças têm voz e vez, quando trabalham com temas que têm sentido para elas. Isso não significa que se sacrifique o papel fundamental da

escola. Ao contrário, esse papel - sintetizado por Ilyenkov (2007) como sendo ensinar a pensar – se potencializa quando as crianças estão em atividade mediadas pelo/a professor/a no encontro com o conhecimento.

Reafirma-se, para mim, com o relato que se segue no “Eu faço assim”, a afirmação de Leontiev (1988) de que o lugar que as crianças ocupam nas relações sociais de que participam tem força motivadora em seu desenvolvimento. É perceptível, no relato, o fato de que, quando a criança assume o lugar de sujeito que pensa, propõe, planeja, decide, ou seja, ao ocupar um lugar de protagonista no processo de aprendizagem, o aprendizado da turma se potencializa. Reafirma-se também a importância dos motivos que levam as crianças a agir, e, nesta perspectiva, destacam-se dois elementos essenciais ao trabalho docente: a escuta e o acolhimento das vontades de saber das crianças e, por outro lado, a importância do trabalho docente que cria, na turma, novas vontades de saber pela forma como apresenta o conhecimento e organiza o trabalho pedagógico em um ambiente investigativo.

A metodologia de trabalho por projetos adotada por Freinet (1975) pode fazer avançar nosso trabalho com a escrita numa perspectiva humanizadora: ao final do processo de estudo e investigação de um tema de interesse do grupo, produzia com as crianças um livro que ele chamava de Álbum Seriado. Fica a dica!

Referências

- FREINET, C. *As Técnicas Freinet da Escola Moderna*. Lisboa: Estampa, 1975.
- ILYENKOV, E.V. Nossas Escolas devem ensinar a pensar. *Journal of Russian and East European Psychology*. V.45, no.4, July-August 2007, p. 9-49.
- LEONTIEV, A. Contribuições para uma Teoria do Desenvolvimento Infantil. In: VYGOTSKY, L.S.; LEONTIEV, A.; LURIA, A. *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*. São Paulo: Icone/Edusp, 1988.
- STACCIOLI, G. *Diário do Acolhimento na Escola da Infância*. Campinas: Autores Associados, 2013.
- ZWEIG, S. *O Mundo que eu vi*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1942.
- VYGOTSKY, L. S. A Pré-história da Fala Escrita. In VYGOTSKY, L.S. *Psicologia, Educação e Desenvolvimento*. São Paulo: Expressão Popular, 2021

VIVÊNCIAS NA INFÂNCIA: APRENDENDO COM OS DINOSSAUROS

Por Marilei Aparecida Machado Klein

A Proposta Curricular da Educação Infantil de Capinzal/SC se baseia na ideia de que as crianças aprendem quando observam, manipulam objetos, investigam e exploram seu entorno, levantam hipóteses e consultam fontes de informação para responder às suas curiosidades.

Para seguir estas recomendações, o trabalho na Educação Infantil precisa ser feito com muita responsabilidade e observação, com a intenção de descobrir os verdadeiros interesses das crianças. Ao planejarmos um projeto, precisamos estar atentos ao que pode ser envolvente e proporcionar a aprendizagem e a diversão conjuntamente, fazendo com que a criança acompanhe essa ideia e vivencie novas experiências.

Eu trabalhei com uma turma de crianças de cinco anos no ano de 2023. Eu sempre organizo o momento da roda de conversa e das brincadeiras, porque é nessa roda que há a descoberta dos seus interesses e curiosidades. A professora deve ter uma escuta atenta nesses momentos. Percebi, em uma dessas rodas, como os dinossauros despertavam a curiosidade e envolviam o imaginário das crianças, porque constantemente solicitavam brinquedos de dinossauros aos pais, assistiam a filmes e gostavam dos sons estrondosos criados pela trilha sonora. Certo dia, uma criança trouxe um enorme dinossauro de plástico para a escola.

Nesse dia, todos os comentários foram focados nesse objeto e, embora nada disso tivesse sido planejado, a partir de então, esbocei algumas questões provocativas. Por que os dinossauros não existem mais? Onde eles estão? Como encontrar respostas para essas perguntas? Todos responderam qual seria a fonte: a internet, mas seria necessária a ajuda dos pais, professores e outros colegas da escola.

No dia seguinte, vieram cheios de ideias. Todos trouxeram suas pesquisas e as expuseram, cada um de acordo com seu jeito de ser.

Eu trouxe um documentário sobre a extinção desses animais, que defendia a tese de que teria havido uma intensa atividade vulcânica associada à queda de um asteroide na Terra. Esse conjunto climático teria matado todos os dinossauros.

Essa referência à atividade vulcânica levou as crianças a se interessarem em saber o que era um vulcão.

Para que compreendessem o acontecimento vulcânico, construímos juntos um vulcão e fizemos uma experiência semelhante a uma erupção.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

As crianças se encantaram com o processo e ficaram mais animadas para explorar o fantástico mundo dos dinossauros.

Elas planejaram um parque dos dinossauros na sala para conhecer mais sobre o habitat, a alimentação, as espécies que existiram e outras curiosidades.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A criança “precisa reproduzir para si as qualidades humanas que não são naturais, mas precisam ser aprendidas, apropriadas por cada criança por meio de sua atividade no entorno social e natural, em situações que são mediadas por parceiros mais experientes” (Mello, 2007, p. 91).

Isso se tornou perceptível a cada dia, pois nosso espaço foi ganhando forma, as pesquisas diárias realizadas na escola e fora dela foram sendo ampliadas, e as crianças foram conhecendo mais sobre a vida desses animais. Propus a criação de um álbum de dinossauros.



Fonte: arquivo pessoal da autora.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Elas escolheram as espécies que queriam conhecer, e, todos juntos, copiamos as imagens e as imprimimos no computador. Em seguida, com desenhos e escrita, registramos as informações em um álbum, com as principais características e curiosidades, descobertas por pesquisas referentes a uma determinada espécie do dinossauro.

Também elaboramos placas com informações para anexarmos junto dos animais, confeccionadas com diferentes técnicas, algumas delas, de forma interdisciplinar com a professora de Arte. Junto com as famílias, buscamos pedras, folhagens e flores para criar o nosso parque dos dinossauros.

Foi muito interessante ouvir os relatos das crianças a respeito do trabalho conjunto com a família. Quando os pais percebem as crianças envolvidas e felizes no processo de ensino, elas se sentem felizes em compartilhar seus conhecimentos.

Realizamos também algumas visitas aos arredores da escola para coletar elementos da natureza e colocar em nosso parque. Em uma dessas visitas educativas, aproveitamos o espaço para conversarmos sobre a profissão do paleontólogo. Propus que procurassem dinossauros escondidos na areia, com pincel e lupa. Eles se concentraram, interagiram e se divertiram.

Junto com a construção do parque, proporcione outras experiências às crianças: escavação de dinossauros no gelo (pequenos dinossauros de brinquedo foram colocados em formas com água e congelados previamente), observação do filhote de dinossauro eclodir do ovo (brinquedo que simula, ao longo de certo período de tempo, a eclosão de um ovo de dinossauro quando colocado na água), dinossauros que crescem na água (após a eclosão do ovo e do nascimento do dinossauro, ele é mantido na água e se expande, simulando seu crescimento). Todos esses processos foram atentamente seguidos pelas crianças e registrados no livro da vida da turma. Elas também produziram maquetes e um gráfico dos dinossauros conhecidos. Além disso, fizeram a escolha do mascote da turma. Todas as experiências e vivências geraram relatos que foram registrados em cartazes que ficaram expostos nas paredes da sala, como mostra a figura abaixo.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Para finalizar nosso projeto, participamos da Feira Científica Interdisciplinar da escola e pudemos ver o resultado de todo o trabalho feito pelo coletivo da sala.

Durante a realização da feira, as crianças deram um show nas explicações aos visitantes, apresentaram cada espaço e vivência trabalhada, com conhecimento, usando termos científicos. Ficaram felizes com seu desempenho. Fiquei também feliz em ver como foi significativo para elas o trabalho com o projeto dos dinossauros. Quando há projetos que partem dos interesses e curiosidades das crianças, os direitos de aprendizagem e de desenvolvimento da educação infantil se concretizam.

Referências

MELLO, Suely Amaral. *Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. Perspectiva*, Florianópolis, v. 25, n. 1, 83-104, jan./jun. 2007.

MURAL

COMPARTILHANDO IDEIAS

Nascidos para ler no melhor lugar para se viver é um livro para bebês, para dar as boas vindas aos bebês e suas famílias à comunidade leitora de Parelheiros, zona sul da cidade de São Paulo. É fruto de uma iniciativa coletiva de um grupo da comunidade de Parelheiros com a contribuição do Instituto Emília - que atua na formação de leitores e promoção do livro e da leitura - e do Ibeac – que atua por uma cultura de direitos fortalecendo a cidadania participativa - que coordenaram o projeto. Com folhas resistentes, capa dura, fotos de bebês e versos curtos que falam da vida na perspectiva dos bebês, o “Nascidos para ler” se propõe a ser o primeiro livro do bebê. Mas, mais que isso, traz um roteiro de lugares para ler marcados no mapa de Parelheiros: escolas, bibliotecas, maternidade, hortas comunitárias, unidades básicas de saúde, e espaços em que se adotou a leitura (casas de história, ruas adotadas, territórios abraçados). Enfim, uma grande mobilização da comunidade que pode inspirar outras ações como esta.

LITERATURA NA RODA

O projeto SacoLê foi uma iniciativa de um coletivo de mulheres - @grupo.nosnomundo - que se encontram pra trocar vivências, discutir política, se apoiar e ler juntas. A partir de leituras sobre racismo e desigualdade, resolveram criar as SacoLês, compostas de livros infantis com personagens negras e indígenas, refletindo a cultura afro brasileira e indígena em sua potência, para que crianças brancas e negras se vejam e sejam vistas nessas histórias com textos e ilustrações em que elas se reconheçam. A curadoria foi feita por uma das integrantes, que analisou, no mestrado, livros infantis com personagens negras. Sete SacoLês – em breve 13 - estão circulando desde julho de 2022 e têm gerado resultados positivos pelos espaços por que passam. Cada uma possui 10 livros e “viaja” por espaços privados (na casa das pessoas) e públicos (escolas, escola escolarizada, centros comunitários) por meio de empréstimo feito por um adulto que se interesse por mediar leitura para crianças.



DIÁLOGO COM LEITORES

Conheci o Boletim do NAHum no momento em que a equipe da secretaria da educação de Capinzal/SC buscava leituras que pudessem contribuir para uma abordagem de alfabetização discursiva e humana. A linguagem simples e direta, os relatos de experiência de sala de aula nas seções de “Professor para Professor” e “Eu Faço Assim” nos motivaram a discuti-lo nos encontros de formação de professoras alfabetizadoras da rede. Tenho o boletim como fonte de leitura, discussão e inspiração também no ensino superior com as turmas de Pedagogia da UNOESC, especialmente o boletim de outubro de 2022 em homenagem a Élie Bajard com o texto sobre a Cerimônia do Nome de Silvana Paulina de Souza. As dicas de vídeos e de leituras são ricos materiais que passei a compartilhar.

Longa existência e resistência aos profissionais que fazem o Boletim e o NAHum acontecer!

Professora Izoete dos Santos Riqueti (Coord. Pedagógica SME Capinzal e Prof.ª UNOESC-Capinzal-SC).

FIQUE POR DENTRO

Bruno Gualano, autor do livro infantil lançado recentemente pela editora Moah, é um cientista de verdade: é professor da escola de Medicina, apaixonado pela ciência e pelo prazer da descoberta. Com seu primeiro livro infantil, “Bel, a Experimentadora”, visa ao letramento científico das crianças, porque acredita que, quando todas as crianças brasileiras tiverem a oportunidade de se apropriar do pensamento científico, percebendo seu poder transformador, teremos uma sociedade mais crítica e mais humanizada. Brincando de experimentar, Bel e seu gato Galileu vão trazendo a ciência – que, como parte da cultura, é patrimônio de toda a humanidade - para outras crianças, desfazendo preconceitos e criando curiosidade nos amigos pelo mundo de possibilidades que nos rodeiam e que vão muito além do celular. Com isso, Bel vai resgatando a atitude investigativa que - em condições naturais de vida, isto é, sem telas que atordoam e imobilizam - é tão própria das crianças.

O livro abre uma coletânea que deve trazer temas como mudanças climáticas e vacinas.

Que viva a ciência!

